

Controle de Pragas em Grandes Áreas - Uma nova visão no MIP

O Brasil é um dos países mais recentes a entrar na produção de maçãs. Com isso o uso de informações de outras regiões foi inevitável. Assim foram introduzidas variedades cultivadas nos diferentes países produtores, bem como técnicos e pesquisadores foram convidados para emprestar suas experiências. Sistemas de manejo foram recomendados seguindo os aspectos climatológicos e fitossanitários dos países dos quais os especialistas vinham. Cabe ressaltar que o Brasil é praticamente o único país que produz maçã sem um sistema de irrigação. Quase todo o resto da produção de maçã ocorre em regiões com baixos índices de chuva.

Desconheciam-se as pragas nativas bem como aquelas que foram introduzidas acidentalmente e que se estabeleceram na macieira. Eram consideradas pragas importantes: pulgão lanígero, ácaro vermelho, cochonilha de São José e algumas publicações chegaram a fazer recomendações de controle para *Cydia pomonella*. Havia uma grande influência das publicações internacionais quanto a ocorrência das pragas na macieira do Brasil.

A mosca-das-frutas (*Anastrepha fraterculus*) causava sérios danos a maçã, mas como não havia um programa de monitoramento, os danos observados na maçã não eram creditados a praga, nativa do Brasil e que não tem referência da sua ocorrência em maçã nos demais países produtores.

A lagarta-enroladeira (*Bonagota cranaodes*) também nativa do Sul do Brasil e Uruguai foi detectada como praga importante no final da década de 80. Era normal os produtores contabilizarem danos de até 40% da produção. Um projeto coordenado pela Embrapa Uva e Vinho com apoio da Agapomi, ABPM, Universidade de Viçosa, Universidade do Norte Fluminense e a Universidade da Suécia, foi desenvolvido chegando a síntese do feromônio sexual fundamental para o monitoramento da praga. Está tecnologia, associada aos estudos de bioecologia fez com que 10 anos após os produtores reduzissem as perdas para níveis ao redor de 1-2%.

período próximo a colheita e durante a mesma exigem ações diferenciadas e eficientes resultando em frutos de qualidade, sem resíduos e sem a presença da praga viva em função das restrições quarentenárias. Com isso é importante que o manejo integrado das pragas que têm alta capacidade de dispersão seja realizado numa visão mais ampla, ou seja, efetuando o controle não só nos pomares comerciais, mas em todas as áreas de multiplicação e refúgio da praga. Este é um conceito denominado em inglês “areawide control” manejo de pragas em grandes áreas.

Este conceito também deveria ser aplicado nas medidas conjuntas entre produtores “vizinhos” uma vez que o produtor que não segue adequadamente o controle de uma determinada praga pode estar multiplicando não só para o seu pomar, mas também para o vizinho que adota corretamente as estratégias de controle.

O programa de erradicação da *Cydia pomonella* tem mostrado a importância que as áreas urbanas representam como local de multiplicação de algumas pragas e que diminuindo as alternativas de multiplicação na área urbana pode-se reduzir a possibilidade de migração para áreas comerciais. Outros locais podem multiplicar pragas que irão reinfestar os pomares comerciais após a aplicação das medidas de controle tradicionais. Entre elas estão os pomares caseiros, as “taperas” e as áreas nativas. Diminuindo a praga numa grande região diminuirá a pressão nos pomares comerciais, podendo-se adotar medidas mais “brandas” de controle e assim reduzindo a possibilidade de resíduos em frutas no mercado nacional e internacional.

A grafolita pode multiplicar-se em pomares comerciais, em hospedeiros localizados nos quintais de áreas urbanas e hospedeiros cultivados como ornamentais nos pomares comerciais. A migração da praga faz com que o controle restrito ao pomar comercial permite a reinfestação de uma população proveniente das áreas externas sem controle. As empresas e produtores deveriam adotar medidas conjuntas e assim controlar a praga com maior eficiência. Uma das situações mais

Surge então a grafolita (*Grapholita molesta*) como uma praga limitante. Seu crescimento como praga pode ter sido devido a uma adaptação a cultura ou pela seleção de uma população resistente aos principais inseticidas usados na cultura. A situação observada no Brasil e vista como uma grande novidade em outros países onde a grafolita é praga quase exclusiva das frutas-de-carço. No entanto, o Brasil tem avançado muito no seu controle através de estratégias baseadas no uso de feromônios (confusão sexual).

Nesses mais de 25 anos observou-se que pragas importantes (primárias) passaram a ser pragas secundárias ou deixaram de ser mencionadas como pragas. Para o controle do ácaro vermelho eram realizadas 4-6 aplicações de acaricidas. Atualmente poucos produtores ainda fazem aplicação de acaricidas. Na maioria dos casos observa-se o controle biológico natural proporcionado pelo uso racional de pesticidas.

A cochonilha de São José deixou de ser relatada como praga, provavelmente como resultado do controle biológico e do excelente manejo nos viveiros, evitando a sua disseminação através das mudas.

Controle de pragas em grandes áreas “areawide control”

Pragas importantes que possuem alta capacidade de dispersão e causam danos significativos exigem ações de grande impacto. Atualmente as pragas mais limitantes para a produção de maçã são a mosca-das-frutas e a grafolita.

As fortes restrições ao uso de pesticidas, principalmente no

claras é quando se aplica a confusão sexual. Fêmeas grávidas podem migrar das áreas adjacentes. É muito comum os produtores terem nos quintais plantas sem aplicação das medidas de controle.

A mosca-das-frutas é o outro exemplo de que somente ações em grandes áreas poderão resultar em redução populacional nos pomares comerciais. As áreas nativas com hospedeiros como a cereja-do-riogrande, guabiroba e goiaba serrana, entre outros, permitem a multiplicação da praga que migra para os pomares comerciais. Ações de controle biológico (parasitóides e microbiano) direcionadas para áreas nativas bem como a liberação de insetos estéreis (Técnica Inseto Estéril) reduziram a pressão da praga no seu habitat. Com uma menor pressão as estratégias de controle poderiam ser direcionadas para a periferia dos pomares comerciais como o uso de isca tóxica com atrativos eficientes.

Especialmente para a mosca-das-frutas é fundamental uma mudança das estratégias de controle e que devem ser desenvolvidas pelos pesquisadores brasileiros por ser uma praga basicamente da fruticultura brasileira. Com a pressão dos mercados (nacional e internacional) para redução de resíduos de pesticidas certamente em menos de cinco anos os inseticidas fosforados deverão estar fora da lista de produtos recomendados para o manejo desta praga e os produtores ficarão sem as principais ferramentas de controle utilizadas neste momento.

ADALECIO KOVALESKI

Pesquisador da Embrapa Uva e Vinho,

Estação Experimental de Vacaria e Professor Agronomia/UCS Vacaria.

E-mail: adalecio@cnpuv.embrapa.br